

A SEXUALIDADE HUMANA E SUAS NUANCES: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL ACERCA DA TEMÁTICA

Stéphani Caroline Pedrotti ¹
Fábio Pessoa Vieira ²

RESUMO

A sexualidade humana consiste em uma conceituação complexa e que atravessa as relações históricas, ao integrar todos os seres humanos e ser representada conforme a cultura e o momento histórico em que se está inserido. O presente trabalho constitui uma pesquisa de cunho qualitativo e do tipo análise temática, tendo o intuito de ampliar o debate a respeito da educação sexual e contribuir para a produção de conhecimento acerca desse assunto. O objetivo da pesquisa é averiguar o porquê a educação sexual ainda ser um tabu no Brasil e os adolescentes sofrerem com a falta de informação, ao visar à compreensão dos motivos pelos quais isso ocorre e é frequente em nosso país. A metodologia utilizada trata-se da Análise de Discurso na perspectiva da autora Mary Jane Spink, através da utilização das produções de sentido advindas das árvores de associação de ideias e dos mapas de associação de ideias. O *corpus* da análise está constituído por dois excertos de uma reportagem retirada dos meios de comunicação da *internet* e selecionados pelos autores do trabalho. Verificou-se que a educação sexual é um eixo muito importante no processo de ensino-aprendizagem, já que não compete ao sexo por si, mas baliza questões da vida humana, de forma que crianças e adolescentes estejam cientes do que acontece consigo mesmos. Além disso, destaca-se que é fundamental que educação sexual transpuna os entendimentos biológicos unicamente, ao garantir desenvolvimento psicossocial, a fim de que os sentimentos dos indivíduos possam vir à tona. Por fim, torna-se relevante considerar que, quando ocorre menção ao tema de educação sexual nas escolas, isso é apresentado a partir dos anos finais do ensino fundamental, ao ocorrer determinada apreensão por parte dos docentes em trabalhar o assunto em sala de aula.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Escola; Abuso Sexual; Machismo.

INTRODUÇÃO

Segundo Altmann (2013), considerando que a escola possui caráter de democratização ao acesso, condições de permanência e relações que ali se estabelecem, ela é fundamental para a promoção da igualdade de direitos. Assim, a “diversidade sexual é ali imprescindível, caso contrário, ela instaura práticas discriminatórias e heteronormativas que excluem ou invisibilizam diferenças” (ALTMANN, 2013, p.77).

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); stephanipedrotti@ufba.br.

² Professor Orientador: Doutor em Ciências do Ambiente, Professor da Universidade Federal da Bahia, docente permanente do PPGEFHC – Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências – e do Mestrado Profissional em Educação da UFBA; fpvieira@ufba.br.

Nesse sentido, a sexualidade consiste em uma conceituação complexa e que perpassa as relações históricas, integrando todos os seres humanos e sendo representada conforme a cultura e o momento histórico em que se está inserida/o (MAIA; RIBEIRO, 2011). Assim, segundo a autora e o autor: “A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade [...]”.

Sob essa ótica, trabalhar a educação sexual se traduz em questionar as evidências, ao exemplificar um conjunto de conhecimentos que façam com que a sexualidade seja entendida com um processo que está majoritariamente influenciado pela história e cultura vigentes (ASINELLI-LUZ; DINIZ, 2007). Nesse sentido, ao empreendermos os assuntos de sexualidade, ou necessidades educativas especiais, por exemplo, temos de ter em mente que são experiências que partem da dimensão do ser humano, pois somos pessoas colocadas em contextos culturais que permitem a construção de identidade com a/o outra/o. (Ibidem).

Em relação à postura docente frente ao assunto de sexualidade, é importante que o/a professor/a estimule a espontaneidade de suas/seus discentes, de forma que se comece uma aula sondando conhecimentos prévios e questionamentos que as/os estudantes possam vir a ter acerca da temática (FIGUEIRÓ, 2006). Conforme Figueiró (2006), educar sexualmente é um processo formativo e longo, no qual as/os alunas/os devem ter a oportunidade de “ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema” (Figueiró, 2006, p. 14).

Partindo do pressuposto que a escola é imperiosa para promover a igualdade de direitos, é fundamental que o respeito à diversidade sexual se faça intrínseco, pois, contrariamente, ela pode vir a manter e propagar práticas de discriminação e heteronormatividade que podem excluir ou tornar invisíveis as diferenças (ALTMANN, 2013).

Conforme Furlanetto *et al.* (2018), quanto aos profissionais designados para desenvolver ações de educação sexual nas escolas, destacam-se os professores de Ciências e Biologia (16,6%) como principais responsáveis por essa temática no ambiente escolar e, advindos do ambiente externo e representados por ações temporárias, profissionais da Enfermagem (37,5%). Entretanto, é preciso haver um aprimoramento da capacitação dos profissionais – ao questionar estratégias didáticas e desenvolvimento de uma cultura que possa promover reflexão crítica ao longo da vida escolar; caso contrário, a informação perde o sentido de autocuidado para os jovens (Ibidem).

Finalmente, é importante lembrar que, quando não se fala de sexualidade, ou seja, quando se opta por não trabalhá-la no espaço da escola, igualmente está acontecendo o ensino da sexualidade, já que o silêncio também configura uma forma de educar. Dessa forma, silenciando, as/os alunas/os aprendem que esse assunto é tabu. Conforme Altmann (2013), historicamente, a sexualidade no contexto escolar advém de diferentes formas, uma vez que está correlacionada a fatos constitutivos como problemas sociais e dependendo do momento histórico em que está situado.

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é analisar o porquê a educação sexual ainda ser um tabu no Brasil e os adolescentes sofrerem com a falta de informação. A questão de pesquisa visa a compreender os motivos pelos quais isso ocorre e é frequente em nosso país e, para torná-lo exequível, o estudo está estruturado no tipo de análise com base na prática discursiva de Mary Jane Spink. Essa análise de discurso, segundo a autora, caracteriza o diálogo não como um processo livre, mas diretamente relacionado a processos histórico-sociais e às variabilidades dos relacionamentos humanos (SPINK, 2000).

METODOLOGIA

Spink (2010) elucida que a ideia de que o contexto tem de ser abordada em diversos níveis, porque um dos focos da análise é o próprio contexto de produção da fala. Sendo assim, consoante à autora: “buscamos entender por que as pessoas falam certas coisas num determinado momento.” (Spink, 2010, p.27). Ainda é possível evidenciar que a atividade com linguagem em ação é centrada nos modos pelos quais os sentidos são produzidos e estão situados nas relações sociais que permeiam o cotidiano. Conforme a autora, são elementos constitutivos da prática discursiva: a dinâmica (enunciados orientados por vozes), as formas de enunciados, os conteúdos e repertórios linguísticos. (Ibidem)

Nessa perspectiva, a fim de viabilizar um processo interpretativo que almeje à produção de sentido (como meio e fim da tarefa de pesquisa), utilizou-se como procedimento as árvores de associação de ideias e os mapas de associação de ideias. Assim sendo, consoante ao que preconiza Spink (2000), as árvores de associação de ideias permitem a visualização do fluxo das associações de ideias inaugurado pela pergunta do entrevistador e o entendimento das singularidades da produção de sentido, presas tanto à história de cada pessoa quanto à dialogia intrínseca do processo de entrevista. Já os mapas

de associação de ideias, por sua vez, têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas. Busca aspectos formais da construção linguística, de forma que a sequência de falas seja preservada (evitar descontextualizar os conteúdos), o diálogo seja mantido de modo intacto e deslocado para as colunas previamente definidas em função dos objetivos da pesquisa.

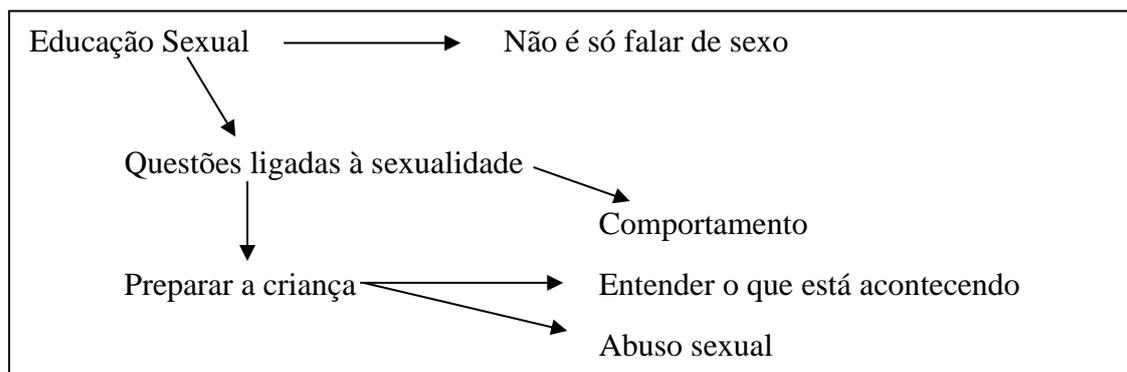
O *corpus* da análise será constituído por dois excertos de uma reportagem extraída dos meios de comunicação da *internet* e selecionados pela autora do trabalho. O link que viabiliza o acesso ao texto está em formato de nota de rodapé³ na presente página desse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Exemplo 1: Excerto da entrevista com a especialista em educação sexual:

“Educação sexual não é falar de sexo. É também, dependendo da idade e com quem você vai falar, é preparar a criança para a questão do abuso sexual, que é importante. A cada ano você trabalha determinadas questões ligadas à sexualidade e ao comportamento para que essa criança entenda melhor o que está acontecendo com ela.”

Quadro 1: árvore de associação de associações de ideias



Fonte: os autores (2024).

Conforme prescrevem Maia e Ribeiro (2011), a educação sexual não é meramente tratar sobre o sexo em si, mas abrange uma concepção plural em torno da temática sexualidade, de forma que os sujeitos sejam capazes de reconhecer a multiplicidade de

³ <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/06/27/educacao-sexual-ainda-e-tabu-no-brasil-e-adolescentes-sofrem-com-a-falta-de-informacao.ghtml>

seus comportamentos sexuais, bem como a valores diretamente correlacionados àqueles. Sob essa ótica, é fundamental discorrer a respeito de questões que abordem a sexualidade de forma integral, a fim de que isso gere entendimento nas crianças ou adolescentes envolvidas/os. Consoante ao que preconiza Dinis e Asinelli-Luz (2007), a educação sexual permite vivenciar uma diversidade de relações afetivas e sociais que podem promover compreensão e experimentação de viabilidades, ao propiciar o reconhecimento dos demais indivíduos – que vão além do seu contexto puramente familiar.

Apesar de que existem meios de denúncia de abuso sexual, ainda assim, há a preocupação de como proteger as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, ao evitar expô-las e gerar constrangimento nas mesmas (BARAN; PARIZOTTO, 2015). Por esse viés, é papel dos profissionais – psicólogo ou qualquer outro que tenha contato com a criança ou adolescente vítima de abuso sexual – tranquilizar esses últimos, explicando os passos e processos pelos quais irá passar e a forma mais adequada da família entender e lidar com a situação (Ibidem).

Como evidencia Raddatz (2019), tanto assuntos de sexualidade como a popularmente chamada “ideologia de gênero” são erroneamente vistos como tratados de forma “tendenciosa” no ambiente escolar, ao impor às/aos estudantes uma determinada “ideologia”, “quando na verdade o que se busca é apenas a ampliação do conhecimento sobre essas questões no sentido da construção de uma cultura de respeito e diálogo” (RADDATZ, 2019, p. 29).

É de suma importância que a orientação sexual fornecida nas escolas deva auxiliar os/as discentes a conseguirem diferenciar o que pode e deve ser compartilhado em momentos grupais e o que é passível de ser mantido visto ser uma vivência intrínseca e pessoal, “sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno” (BRASIL, 1997a, p.83).

Destarte, destaca-se que a educação sexual é essencial visto que a mesma promove a consciência de pertencimento de seu próprio corpo, o qual só pode ser tocado por outra pessoa se houver consentimento ou por vias de questões que envolvam saúde e/ou higiene. Tais pontualidades possuem relação direta com a prevenção do abuso sexual, uma vez que, cientes das concepções citadas, as crianças ou jovens podem compreender o que está acontecendo consigo mesma/o e evitar que agravos de ordem sexual lhes ocorram (GARCIA, 2003).

Devido ao fato de muitas famílias omitirem os casos de abuso sexual, adicionados ao preconceito inerente e à cultura que estamos inseridos, por muitas vezes, o ocorrido

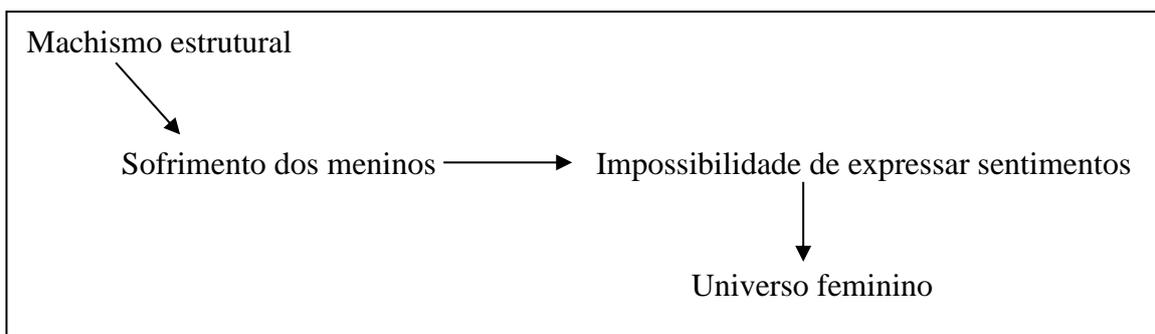
fica no silêncio e no esquecimento, resultando em cada vez mais vítimas. Ao encontro disso, vem a relevância sócio científica desse assunto (BARAN; PARIZOTTO, 2015).

Nesse sentido, verifica-se que a educação sexual é eixo imperioso no processo ensino-aprendizagem, uma vez que a mesma não se refere só ao sexo por si, porém evoca questões comportamentais da vida das crianças e dos jovens, de modo que esses estejam cientes do que acontece consigo mesmas/os.

Exemplo 2: Excerto da entrevista com a psicóloga:

“Meninos também sofrem com o machismo. A impossibilidade de expressar sentimentos é algo muito presente no universo masculino. Todos esses atributos são delegados às mulheres como se fossem do feminino.”

Quadro 2: árvore de associação de associações de ideias



Fonte: os autores (2024).

Conforme Figueiró (2006), é primordial dos princípios da educação sexual – além de fornecer informações sobre corpo, sexualidade e relacionamento sexual –, permitir que o indivíduo seja oportunizado a expressar seus sentimentos, ao rever tabus, promover reflexões e debates que assegurem a construção de sua própria opinião bem como valores atribuídos a tópicos ligados ao sexo.

Entretanto, observa-se que, na sociedade em que estamos inseridos, as pessoas do gênero masculino, em geral, não são estimuladas a exporem seus sentimentos, questão que é fruto do machismo estrutural. Assim alega Saavedra, Nogueira e Magalhães (2010), ao relatarem que a vida amorosa dos meninos é manifestada – e muitas vezes limitada – à sexualidade associada ao prazer físico diretamente, excluindo quesitos do campo dos sentimentos.

O materialismo-histórico explica, em parte, o machismo que coloca os privilégios dos homens acima de tudo e de todos, naturalizando esses privilégios, abordando-os como

dogmas e negando qualquer direito – até mesmo o direito à vida, considerado o mais básico de todos (RADDATZ, 2019). Assim, o machismo aflige a vida de todas/os, de modo que causa uma opressão veemente e frequente em todas as pessoas. Foi o movimento feminista e os estudos de gênero, por sua vez, que desnaturalizaram diferenças entre homens e mulheres, evidenciando, ademais, a abordagem da educação sexual propriamente (ALTMANN, 2013).

Sob essa ótica, é considerável elucidar que o machismo desumaniza tanto mulheres quanto homens, à medida que todas/os sofrem com as dores de uma masculinidade que nega a humanidade alheia (RADDATZ, 2019). Incluso a isso, os resultados da autora Raddatz (2019) evidenciam que alguns meninos se sentem afetados pelo machismo, a exemplo de passagens como: “eu me sinto mal ou desconfortável, quando vejo uma mulher sofrendo pelo machismo” e “homem e mulher choram, gênero não proíbe isso”, relatados por meninos.

Em conformidade, Furlanetto *et al.* (2018) alega que se deve considerar que a educação sexual, uma vez sustentada nos aspectos histórico-culturais que a permeiam, também assegura a abordagem educacional conhecida como emancipatória/libertadora. Assim, reconhece-se essa estratégia como mecanismo de busca da felicidade e transformação dos padrões de relacionamento sexual, não devendo o/a educador/a, por sua vez, reprimir o conhecimento de informações científicas que têm de forma a ser descontextualizada da realidade discente (Ibidem).

Diante disso, é fundamental que a educação sexual atravesse não somente os aspectos biológicos, mas que garanta um desenvolvimento psicossocial, no qual os indivíduos possam deixar aflorar seus sentimentos individuais.

Excerto da entrevista com uma professora quando questionada sobre o debate da educação sexual nas salas de aulas:

Resposta da professora: “Em relação ao corpo humano, a gente trabalha mais no sétimo e oitavo ano. No sexto a gente fala sobre o planeta, sistema solar. Na escola a gente vai passar o conteúdo do corpo humano mais bem detalhado. Mas tem alguns pais que às vezes não aceitam. E às vezes as crianças chegam na sala e falam ‘minha mãe não disse isso’. Então a gente tem que saber como vamos passar para eles. Tem que ser de uma forma delicada para que eles possam absorver o conhecimento, mas sem o lado maldoso”.

Quadro 3: mapa de associação de ideias

OBJETO MARCADOR	PRIMEIRAS ASSOCIAÇÕES	EXPLICAÇÕES	QUALIFICADORES
Questionamento sobre a existência da educação sexual na escola	Diagnóstico sobre temáticas trabalhadas em sala	Descrição do ensino da educação sexual na escola	Domínio de como se dá o entendimento da educação sexual
Debate sobre tema de educação sexual nas salas de aula			
	Em relação ao corpo humano, a gente trabalha mais no sétimo e oitavo ano. No sexto a gente fala sobre o planeta, sistema solar		
		Na escola a gente vai passar o conteúdo do corpo humano mais bem detalhado. Mas tem alguns pais que às vezes não aceitam. E às vezes as crianças chegam na sala e falam 'minha mãe não disse isso'. Então a gente tem que saber como vamos passar para eles	
			Tem que ser de uma forma delicada para que eles possam absorver o conhecimento, mas sem o lado maldoso

Fonte: os autores (2024).

Partindo da questão central da entrevistadora – acerca do tema de educação sexual nas salas de aula – e a resposta da referida professora quanto à mesma, podem ser debatidos alguns tópicos, os quais serão detalhados seguidamente.

Os resultados elucidados por Furlanetto *et al.* (2018) exprimem que as ações de educação sexual, intrinsecamente relacionadas ao sentimento de pertencimento e compreensão dos significados juntamente aos papéis culturais, precisam avançar nesses tópicos, de modo que se reflita sobre as estruturas de metodologia e pedagogia das práticas que emergem e o investimento na formação das/dos professoras/es.

Consensualmente, pode-se alegar que a educação sexual é fundamental no ambiente escolar, pois constitui um processo intencional, que necessita de planejamento e organização e que pretende propiciar aos discentes uma formação que englobe conhecimento, reflexão e questionamento (MAIA; RIBEIRO, 2011). Aquém disso, os autores destacam que:

Defendemos aqui uma iniciativa de educação sexual que vá além da informação, que ultrapasse o sentido biológico, orgânico e profilático, e que compreenda a sexualidade e a saúde sexual como uma questão inerentemente social e política. (Ibidem, 2011, p.77).

A primeira coluna, que apresenta o objeto marcador, refere-se ao questionamento realizado pela entrevistadora à professora a respeito da ocorrência do debate de temas sobre educação sexual nas escolas. Nessa perspectiva, é relevante considerar que, embora se trate de um assunto contemporâneo em nosso meio social, o mesmo pode gerar polêmica tanto na escola como na sociedade, não sendo, portanto, apresentado e discutido no ambiente escolar – como deveria vir a ser.

Relacionadamente à coluna de primeiras associações, percebe-se que a recordação que a professora tem a respeito do debate do tema de educação sexual concentra-se no sétimo ano, em detrimento do sexto ano, no qual são abordados assuntos de planeta e sistema solar. Aqui é possível reiterar que, conforme a BNCC (BRASIL, 2017a), a temática sexualidade é sugerida a ser desenvolvida no 8º ano da disciplina de ciências, com habilidades que se destacam como: EF08CI08: Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso e EF08CI11: selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética), só para citar alguns exemplos. Ainda é possível reiterar que, como consta na própria reportagem, “A última edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar mostra que 27% dos estudantes do 9º

ano do ensino fundamental já tiveram relação sexual.” Sendo assim, é imprescindível que esse assunto seja abordado desde cedo no ambiente escolar.

Em relação à terceira coluna denominada explicações, podem ser analisados alguns elementos diferenciados. O primeiro deles faz alusão à alegação da professora de que, de fato, o conteúdo corpo humano é trabalhado com detalhamento na escola. No entanto, a parte que merece destaque se revela no fragmento da “não aceitabilidade” dos pais das/os estudantes para com o ensino da educação sexual nas escolas. Isso é corroborado por Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), os quais evidenciam que, para vários adultos, a sexualidade é tida como um conteúdo proibido para crianças e/ou adolescentes; dessa forma, os responsáveis esquivam-se da discussão com os mais novos, o que pode acarretar em futuras consequências prejudiciais a esses últimos.

A professora também explicita que, eventualmente, os/as discentes mencionam que seus pais não os ensinaram sobre educação sexual. Nesse sentido, Garcia (2003) prescreve que o papel da família é insubstituível, uma vez que são os pais os principais educadores sexuais de seus filhos. Entretanto, “muitas vezes são os silêncios e não as falas, os gestos e olhares e não a troca de ideias, as proibições e não os esclarecimentos que fazem a educação sexual em nosso meio social.” (GARCIA, 2003, p.23). A partir disso, salienta-se o último trecho enunciado pela professora, ao abordar a questão da necessidade de entendimento de como “passar” o conteúdo aos discentes. Por esse viés, Freire (1996) nos diz que é tarefa primordial do educador trabalhar com os educandos de modo que os objetos de estudo “se aproximem” deles, tornando-se cognoscíveis. Dessa maneira, o docente focaliza em tornar acessível a transmissão do conhecimento.

A última coluna, a qual reporta aos qualificadores, evidencia sobre certa parcimônia ao tratar do assunto com os estudantes, já que, conforme o que a própria professora relata, não se deseja exprimir “o lado maldoso”. Por essa lógica, pode-se inferir que os docentes visam à desconstrução da noção de que abordar o tema sexualidade nas escolas seja vinculado a algo mais negativo do que positivo. Consoante ao que versa Garcia (2003), essa ideia já vem de tempo – o ideal de vida cristã, como domínio do corpo e repressão do sexo – de forma que os aspectos que envolvem sexualidade sejam vistos como sujeira e/ou maldade.

Nesse sentido, segundo o que versa Furlanetto *et al.* (2018, p. 567):

Nesse sentido, é necessário refletir criticamente sobre os processos de subjetivação de crianças e adolescentes que, desde tenra idade, internalizam preconceitos que culminam em atitudes sexuais discriminatórias entre iguais e que podem se estender à vida adulta.

Embora muito sejam os desafios colocados frente às ações educativas pautadas na sexualidade humana, também existem possibilidades em torno da diversidade sexual que podem ser trabalhadas na escola, a exemplo da exploração do campo das artes, como as artes plásticas, filmes, literatura, entre outros (ALTMANN, 2013).

Assim sendo, observa-se que, quando há alusão à temática de educação sexual nas escolas, elas ocorrem a partir dos anos finais do ensino fundamental, mas que também existe certo receio por parte dos docentes em relação ao assunto (por vias de adversidades advindas de familiares, comunidade etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao emprendermos as percepções que o presente trabalho nos viabilizou, é possível concluir que a educação sexual ainda é notoriamente uma grande questão a ser tratada em nossa sociedade. Isso culmina no âmbito escolar, já que há várias questões históricas, políticas e até mesmo religiosas que dificultam ações educativas voltadas ao esclarecimento da sexualidade humana e suas nuances.

Foi possível verificar que as/os próprias/os docentes imprimem uma certa preocupação em relação à prudência com que se irá tratar do assunto, uma vez que muitos familiares têm concepções distorcidas sobre os conceitos abordados na educação sexual. Pois isso, muitos/as professores/as manifestam sua preocupação em repassar o conhecimento acerca da temática. Além disso, a educação sexual se faz necessária dado que engloba quesitos comportamentais, podendo permitir que a criança e/ou jovem expresse seus sentimentos e tenha entendimento do que está se passando com ela/ele, sabendo até mesmo reconhecer caso um abuso sexual venha ocorrer, por exemplo. Portanto, está se preparando a criança e o jovem para suas vivências futuras, as quais, inegavelmente, refletem consequências na sua trajetória de vida adulta.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 69-82, 2013.

BARAN, Mabel Falavinha; PARIZOTTO, Ana Patricia Alves Vieira. Abuso Sexual em meninos: rompendo o silêncio. **Unesc & Ciência-ACBS**, v. 6, n. 2, p. 129-136, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica, 2017a. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 02 jul. 2024.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Rio de Janeiro: DP & A, 1997. v.10. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> Acesso em: 04 jul. 2024.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar em Revista**, n. 30, p. 77-87, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como Ensinar No Espaço Da Escola Sexual Education: How To Teach In The School Environment. **Revista Linhas**, v. 7, n. 1, 2006.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Antonio Miguel. A Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. 2003.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

RADDATZ, Letícia. A percepção do machismo e da desigualdade de gênero entre alunos e alunas do ensino médio. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Santa Rosa, 2019.

SAAVEDRA, Luísa; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara. Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 110, p. 135-156, 2010.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Capítulo II: A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação, p.26-37.

_____. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. Capítulo IV: Rigor e Visibilidade: a explicação dos passos da interpretação, p.93-122.